



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de abertura do Salão Internacional do Transporte –
Fenatran/2005**

São Paulo-SP, 23 de outubro de 2005

Meu caro Luiz Fernando Furlan, ministro do Desenvolvimento, Indústria
e Comércio,

Meu caro Luiz Marinho, ministro do Trabalho,

Minha querida companheira Márcia Helena Carvalho Lopes, ministra
interina do Desenvolvimento Social e Combate à Fome,

Meu caro Rogério Golfarb, presidente da Anfavea,

Senhor Geraldo Viana, presidente da NTC e Logística,

Senhor Rafael Guagliardi, presidente da Alcântara Machado,

Senhor Lauro Pastre Júnior, presidente da Anfir,

Meus caros amigos empresários da indústria automobilística e
empresários do setor de transporte, tanto aqui, como todos os autônomos dos
Brasil,

Caminhoneiros,

Meus amigos e minhas amigas,

Deixaram vocês em pé e nós, aqui, para os discursos serem curtos. Mas
acontece que não tem Feira todo dia, nem todo mês. Então, a Feira tem que
ser tratada como uma coisa mais... Se o Corinthians jogasse hoje, eu teria mais
dificuldade de vir. Como o Corinthians resolveu seu problema ontem, eu fiquei
livre para vir à Feira.

O transporte de cargas é, para a vida de um país, como sangue que
circula em nossas veias. É ele, afinal, que possibilita que centros produtores



sejam abastecidos com matérias-primas e, também, que de lá saiam os produtos para o consumo em nossas cidades ou para exportação, por meio de nossos portos e aeroportos.

Graças a toda a cadeia de empresas e caminhoneiros autônomos envolvidos com o transporte, o Brasil possui a unidade e a força necessárias ao dinamismo e à grandeza de nossa economia.

É por esse motivo que fiz questão de estar presente, aqui, na abertura da Fenatran, feira que reúne empresas das mais diferentes modalidades, mas que tem no transporte rodoviário, na logística, o seu maior foco.

Quero, portanto, não só atestar a importância que dou a este setor, que reúne transportadores, prestadores de serviços e fabricantes de caminhões e de equipamentos rodoviários, mas também apresentar o que temos feito e, sobretudo, dialogar com vocês que vivem o dia-a-dia da cadeia do transporte.

Minhas amigas e meus amigos,

O setor de material de transporte, como vocês sabem, está vivendo um ano auspicioso, batendo recordes na produção de caminhões e outros veículos. No ano passado, as exportações do setor atingiram mais de 15 bilhões de dólares, contrariando o que muita gente pensa, que o Brasil exporta apenas commodities. Somos grandes na exportação de commodities, mas exportamos também carros, caminhões, tratores, aviões, inclusive para países desenvolvidos.

No caso dos caminhões, produzimos modelos que são referência, em termos mundiais. E toda essa demanda, certamente, vai incentivar maiores investimentos no setor, além dos que já vêm sendo feitos.

Além do Finame, que financia, normalmente, a aquisição de caminhões, o Modemaq deve ampliar significativamente os seus recursos disponíveis. E, aqui, apenas um dado importante para vocês: aproveitem que o BNDES tem muito dinheiro, reúnam-se com o Furlan, com o Presidente do BNDES e com o Marinho, que é o presidente do FAT, para fazer financiamento, porque se tem



uma coisa que não falta, este ano, é dinheiro no BNDES. Então, aproveitem. Não sejam tímidos na reivindicação, nem na pressão, por favor, é preciso porque o momento exige que nós não vacilemos quanto ao que pode acontecer no Brasil, no setor.

Já encaminhamos ao Conselho Monetário Nacional a liberação de mais 3 bilhões de reais para o Modermaq, na medida em que os 2 bilhões e meio do Programa original vão se esgotar nos próximos meses.

Meus amigos e minhas amigas,

Qualquer motorista que rodar por muitas das principais estradas brasileiras vai constatar que as coisas estão mudando. Vocês sabem que os problemas foram se acumulando, durante muito tempo, e não é fácil nem possível resolver de uma vez. Já conseguimos melhorar uma parte e vamos continuar nos empenhando para completar essa empreitada.

Em 30 meses de trabalho duro, recuperamos mais de seis mil quilômetros de estradas e sinalizamos praticamente 18 mil quilômetros de rodovias federais. Precisamos de muito mais, mas este volume de obras é o mais expressivo dos últimos 20 anos no Brasil.

Como vocês sabem, nossa prioridade não foi construir rodovias novas, mas sim destinar os recursos, sempre apertados, à recuperação das estradas mais importantes por onde circulam nossa produção e nossa gente, e terminar obras que vinham sendo executadas há muitos anos, mas que pareciam não ter fim. Foi o que aconteceu há três semanas, quando entregamos a Fernão Dias completamente duplicada, após dez anos de obras, ou há pouco mais de um mês, quando inauguramos a duplicação da quase totalidade da Régis Bittencourt; apenas o trecho da Serra do Cafezal é que ainda precisa ser duplicada, pois ela será feita pela futura concessionária.

Essas rodovias não ligam apenas três das principais capitais brasileiras. Elas facilitam a vida do nosso povo, dos turistas que nos visitam, e fazem com que a produção do nosso interior chegue aos portos exportadores e também ao



Mercosul. E essa situação vai melhorar mais ainda com a duplicação da BR-101, entre Santa Catarina e o Rio Grande do Sul, que vamos entregar até o final de 2006. Finalmente, vai sair a famosa BR-101/Sul, que foi manipulada eleitoralmente durante muitos anos no Brasil e, finalmente, eu espero que no ano que vem os motoristas, os turistas, as cargas possam transitar livremente da Argentina até onde quiserem, no Brasil e, do Brasil, onde quiserem, no Mercosul.

Temos nos empenhado para conservar e expandir a infra-estrutura rodoviária do país, mas não posso deixar de citar outros pontos que julgo igualmente importantes em nossa relação com o setor de transporte rodoviário. As relações que mantivemos, desde o início do governo, e que incluem a minha reunião com 72 representantes do setor no ano passado, resultaram em ações concretas para que as propostas e as reivindicações levadas ao Executivo se transformassem em realidade. São vocês, afinal, que melhor conhecem a realidade das estradas e as necessidades do setor, e sua contribuição é fundamental para que possamos adequar as ações do Estado às prioridades exigidas pelo nosso país.

É por esse motivo que estamos trabalhando com seriedade e afinco no que se refere a atender antigas reivindicações como aquelas que se referem à segurança das estradas. A Polícia Federal realizou, desde 2003, cinco grandes operações para reprimir o roubo de cargas e, em apenas uma delas, a famosa “Cavalo de Aço”, foram presas 33 pessoas, entre elas alguns policiais rodoviários.

Criamos também uma Ouvidoria, para que caminhoneiros, empresários e demais cidadãos possam denunciar, com segurança, maus policiais, e aumentamos o nosso efetivo nas estradas: 580 policiais federais estão sendo treinados e entrarão em serviço ainda este ano. Ao mesmo tempo, com o objetivo de enfrentar o excesso de carga nas rodovias, elevamos de apenas três para 40 o número de balanças em operação nas estradas e estamos



empenhados em fiscalizar cada vez melhor o uso do vale-pedágio, obrigação dos transportadores.

Estamos, também, elevando o número de funcionários da Agência Nacional de Transportes Terrestres, que atuam nas praças de pedágio em todo o país. Nossa ação mais recente, porém, ocorreu na última sexta-feira, quando o governo federal decidiu liberar os bi-trens da obrigatoriedade da Autorização Especial de Trânsito. Vocês sabem muito bem como eles são importantes para o escoamento de nossa produção agrícola. Essa ação, que atende a um antigo e justo pleito dos motoristas autônomos e empresas de transporte, vai beneficiar uma frota de mais de 100 mil veículos.

Minhas amigas e meus amigos,

O que estamos vendo aqui, e o que eu vi mostra como esta indústria vem se fortalecendo cada vez mais com o crescimento da nossa economia. Como eu disse no início, este tem sido um ano de grande produção para o setor. Entre janeiro e setembro produzimos, no Brasil, mais de 88 mil caminhões – não sei se é isso ou mais do que isso – o que nos permite superar a marca de 107 mil caminhões atingida no ano passado, um recorde histórico, superando uma marca que não vinha sendo alcançada desde 1980. Tenho certeza de que vamos continuar cumprindo, cada vez com maior empenho, a nossa parte. O Brasil, certamente, conta com o trabalho, com o esforço e com a iniciativa de todos vocês.

Então, queridos companheiros, eu não poderia deixar de fazer um improviso aqui, porque elogios a gente não pode escrever, têm que ser da alma. Eu acho que todos nós que estamos aqui, governo e empresários, temos consciência do que significa não só a qualidade dos nossos meios de transporte, dos caminhões que nós vimos aqui hoje, que parecem mais um carro de passeio do que um caminhão. Todos nós sabemos o que significam os avanços tecnológicos conquistados pela indústria automobilística, como também nós sabemos da necessidade de investirmos na infra-estrutura



brasileira, tão esquecida durante tantos e tantos anos. O grande problema do Brasil é que, durante muitos anos, não se fez a manutenção obrigatória que tinha que ser feita e, todo mundo sabe, uma estrada é como um aparelho eletrônico que nós temos em casa, se a gente passa muito tempo sem usá-lo, quando vai usar, tem algum problema. As estradas brasileiras foram feitas, às vezes, de boa qualidade, às vezes, não, às vezes, para transporte de 30 toneladas e, às vezes, o caminhão passa com 60 ou 70. Não tinha balança para fiscalização e, cada vez mais, nós temos que melhorar a qualidade para, cada vez mais, suportar o aumento do peso que cada caminhão transporta neste país. Nós sabemos da deficiência do setor de infra-estrutura que tem no Brasil, até porque muita gente não esperava que o Brasil crescesse como está crescendo e, muita gente não esperava, ao longo de muitos anos, que as exportações brasileiras atingissem o patamar que atingiram.

Todo mundo sabe que em 2003, quando tomamos posse, o Brasil exportava 60 bilhões de dólares, todo mundo sabe que o Brasil tinha um superávit em 2003, 2002, de 13 bilhões de dólares e que, hoje, nós chegamos a 112 bilhões. Nossa estimativa é chegar a 117 bilhões em dezembro e superar os 41 bilhões de dólares de superávit na balança comercial que temos hoje. Isso significou o quê? Significou, praticamente, a duplicação do transporte no país. Portanto, nós temos que cuidar da nossa parte, que é a infra-estrutura, para acompanhar o trabalho que vocês fizeram até agora porque, com esses caminhões aqui, certamente nós vamos agora ter mais vontade de renovar a nossa frota.

A renovação da frota não é uma vontade apenas do empresário que precisa vender, ou do motorista que precisa comprar, ou do empresário que precisa comprar. É uma necessidade para melhorar a qualidade do rendimento do nosso país, para diminuir o custo-Brasil porque, com caminhões modernos, a gente vai perder menos carga nas estradas, a gente vai demorar menos tempo, nós vamos poluir menos, o motorista vai viajar mais confortável,



portanto, ele correrá menos risco de vida, e todo mundo ganha com isso.

Alegra-me, Marinho, uma coisa que o Maciel me falou, que o novo projeto que a Ford vai lançar agora, somente os trabalhadores, através do Sindicato... para que o produto fosse fabricado no Brasil, Furlan, veja a evolução do comportamento político neste país: era impensável, 20 anos atrás, os trabalhadores darem contribuição para que uma indústria produzisse o seu produto aqui. Pois bem, o Sindicato dos Trabalhadores contribuiu com 200 sugestões para que pudessem reduzir o custo do carro, para que a Ford pudesse produzir o seu novo produto no Brasil, ao invés de produzir no exterior. Ora, quando nós temos empresários com uma disposição política de negociar com os trabalhadores, quando nós temos os trabalhadores com a disposição política de negociar com os empresários, quando nós temos os empresários com a disposição política de conversar com o governo, quando nós temos o governo com a disposição política de conversar com os empresários e com os trabalhadores nós estamos, na verdade, com mais de 50% dos nossos problemas resolvidos.

Agora, é tornar práticas determinadas coisas que nós já aprofundamos, que já discutimos. Por exemplo, nós tivemos um problema na Medida Provisória 252, na semana passada, porque em cada Medida Provisória que vai ser votada, às vezes, as pessoas tentam colocar 500 novidades, nós temos que tomar cuidado. Mas nós vamos tentar, agora, na próxima semana, em uma outra Medida Provisória, fazer as desonerações que estavam previstas na Medida Provisória 252, até porque tem muita gente, e eu mesmo já participei de reuniões em que nós precisamos, isso não pode ser feito de uma vez, mas aos poucos nós temos que ir preparando o Brasil para que a gente possa desonerar todos os setores que possam significar, num curto prazo, maior rentabilidade, maior geração de emprego, maior distribuição de renda no Brasil.

Isso não é uma tarefa simples, porque muita gente pensa que depende apenas do governo federal. Muitas vezes, uma desoneração que nós fazemos



tem implicação nos governos estaduais, na transferência, ela tem problema nos prefeitos, e aí a pressão sobre o Congresso Nacional é mais forte. Portanto, nós precisamos conversar mais, saber quais os atores que precisamos colocar na mesa para que nós façamos as coisas acontecerem de verdade.

Os empresários da indústria automobilística sabem perfeitamente bem que os avanços que nós conseguimos nesses poucos meses de governo foram muito grandes. E eu queria dizer para vocês que tenho andado junto com o Furlan pelo mundo. Na semana passada fomos a Portugal, fomos à Itália, fomos à Espanha, fomos à Rússia. O Furlan foi para outro tanto de lugares, para a China; o companheiro Roberto Rodrigues, para outros, o Celso Amorim, para outros, porque nesse mundo globalizado, hoje, não adianta a gente ficar sentado no escritório da nossa empresa esperando que alguém descubra que nós produzimos um bom produto e venha aqui comprá-lo. Não. Agora, tem 500 produzindo produtos iguais aos nossos e todo mundo está viajando o mundo para tentar vender. E, certamente, em muitos dos produtos produzidos no mundo, o Brasil compete de forma extraordinária, com qualidade, com quantidade e com preços.

Portanto, se todos nós, governo e empresários, botarmos a mala embaixo do braço e sairmos por aí para vender os nossos produtos, a chance de nós ganharmos mercado é extraordinária.

As nossas exportações para a América do Sul cresceram 83%. Eu não consigo imaginar como é que um país vizinho do Brasil compra carro do Japão, compra carro americano, quando a gente pode vender o carro para ele, mais próximo, quando a gente pode fazer parcerias com empresas deles.

Vocês vejam que nós não produzíamos navios há muito tempo. Na semana passada eu fui ao Rio de Janeiro participar do contrato feito pela Petrobras. Nós vamos contratar 22 grandes navios e vamos recuperar a Marinha Mercante Brasileira, porque estamos tendo um déficit de frete de quase 10 bilhões de dólares. Não tem explicação um país do tamanho do Brasil



ficar trabalhando com navios de bandeira estrangeira, quando a gente pode produzir um navio aqui no nosso estaleiro, a gente pode ter marinheiros brasileiros, e pode produzir para o mundo. O Brasil tem competitividade, tem tecnologia, tem engenharia. Então, não tem explicação. E nós vamos retomar esse potencial que o Brasil tem em todas as áreas.

Nós estamos vivendo um momento em que a economia brasileira está crescendo. E estamos vivendo um momento em que as exportações brasileiras estão crescendo e também as importações, sobretudo na área de bens de capital, o que significa que as empresas brasileiras estão acreditando no futuro.

Estamos crescendo o crédito. É importante lembrar que a poupança interna, em 2002, era quase 18% do PIB. E, hoje, a poupança interna já está a 24% do PIB. Estamos crescendo no crédito ao consumidor de forma extraordinária, sobretudo, depois do advento do crédito consignado, que foi uma coisa extraordinária, produzida e colocada para mim pelos trabalhadores, através do Marinho.

Nós estamos crescendo, nesse momento. A massa salarial brasileira está crescendo. Nós estamos, agora, com duas coisas caindo, a inflação e o custo de vida. Eu acho que nós entramos, agora, numa fase mais importante para o Brasil. Os empregos estão crescendo, a massa salarial está crescendo, as exportações estão crescendo, o superávit comercial está crescendo, o superávit de conta corrente está crescendo. Nós, agora, já estamos vendo, pelos jornais, os juros baixarem um pouco. Na medida em que o juro baixe mais, certamente, o dólar vai encontrar o seu equilíbrio e ninguém vai ficar querendo que o governo mexa no câmbio porque tem que mexer, por si só ele vai se ajustar, vão melhorar as exportações, o rendimento para quem exporta, vai melhorar a vontade de produzir internamente. E eu acho que o que é mais sagrado, que vocês não podem perder: um presidente da República, um ministro pode sair a qualquer momento, um ministro, sobretudo. O Presidente tem um mandato de quatro anos, portanto, o mandato é com prazo



determinado. Mas as conquistas que a sociedade tem não podem ser derrotadas porque muda o presidente da República. Esse é um dos males do Brasil, esse é um dos males da administração pública brasileira: cada um que entra quer fazer uma coisa nova e esquece a coisa velha.

Pois bem, o Brasil entrou num momento em que, se nós persistirmos, o Brasil encontrou, definitivamente, a forma de ter um crescimento com inflação baixa, coisa que a gente não tinha. Eu sei que aqui tem muito especialista. Não há momento em que o Brasil cresceu com inflação baixa. Todo vez que o Brasil cresceu, a inflação subiu, e toda vez que o Brasil exportou, o mercado interno foi arrojado. Nós estamos crescendo com a inflação baixa e estamos exportando com o mercado interno crescendo. Isso é uma conquista, não nossa, é uma conquista da sociedade brasileira, que soube acreditar em si mesma. E a gente não pode permitir que isso volte ao passado, porque muitos de vocês já foram dormir com um plano econômico mirabolante, aquele que salvava a humanidade, todo mundo já foi dormir, um dia. O governo anunciava com pompas um plano, não vou dizer nome de nenhum aqui, para não citar nenhum governo. Mas todo mundo já foi dormir, teve gente que foi dormir, um dia, devendo 4, e acordou devendo 12. Teve gente que quebrou, e nós não vamos fazer a opção pela mágica.

Eu faço questão de dizer isso, sobretudo aos empresários que falaram aqui: o nosso governo não vai permitir que um ano eleitoral faça com que a gente entre numa aventura de fazer política fácil, de apresentar uma mágica e, no dia seguinte, a gente acordar com o prejuízo. Nós vamos continuar no ritmo em que nós estamos, sem inventar nenhuma mágica, mas fazendo aquilo que precisa ser feito, porque eu estou convencido de que o Brasil não pode jogar fora essa chance. O Brasil não pode mais fazer uma aventura sem que a gente tenha o planejamento correto.

Eu acho que o Brasil encontrou o seu caminho. Esse caminho foi encontrado junto com vocês, e eu peço para vocês: vamos persistir porque o



Brasil merece a chance de se transformar, definitivamente, num país desenvolvido, num país grande e num país de economia sólida, com um ciclo de crescimento de longo prazo.

Eu trabalho com a idéia de que a gente dê uma chance a nós mesmos para os próximos 15 ou 20 anos, porque somente assim a gente vai poder se orgulhar de um dia ser convidado para participar do G-8, porque quando nós éramos G-8, quando nós éramos a oitava economia do mundo, só tinha G-7. Quando nós fomos para décima, eles criaram o G-8. Quando a gente voltar a ser a oitava economia, eu quero ver se nós vamos ser convidados. E eu acho que esse ciclo de crescimento é que vai permitir que o Brasil entre definitivamente na rota dos países desenvolvidos.

E, pela mostra desta Feira, eu posso dizer para vocês: nós não devemos nada a ninguém.

Muito obrigado, boa Feira e boa sorte.